
A PRESSÃO SOBRE OS RECURSOS ALIMENTARES

J. E. Mendes Ferrão

A PRESSÃO SOBRE OS RECURSOS ALIMENTARES (*)

SUMARIO:

- 1 — INTRODUÇÃO
- 2 — EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO
- 3 — OS ALIMENTOS
- 4 — O BINÓMIO POPULAÇÃO/ALIMENTOS
- 5 — PERSPECTIVAS FUTURAS
- 6 — OS ALIMENTOS E AS TENSÕES MUNDIAIS
- 7 — BIBLIOGRAFIA

1 — INTRODUÇÃO

1.1 — Se não fora a componente espiritual do homem que o distingue e sobreleva das outras criaturas, bem poderia dizer-se que nos tempos em que vivemos e certamente com maior preocupação naqueles que se aproximam, a grande prioridade, a primeira prioridade hoje apresentada aos seres humanos, é garantir a subsistência de uma população que, no dia a dia, vivido neste vale de lágrimas, mas desejado como um caminho de esperança, vem aumentando constantemente.

E não se trata apenas e só de exercitar uma «obra de misericórdia» e muito menos desenvolver ou pôr em prática conceitos de natureza filantrópica mais ou menos encapotada.

É necessário e urgente que cada um de nós se consciencialize, e actue em conformidade, de que o «dar de comer a quem tem fome» tem de ser uma resposta inteligente e, por isso, interessada, a um dos direitos mais indiscutíveis da pessoa humana, há muitos anos reconhecido por direito natural entre as pessoas de intenção recta e conduta correspondente e que os areópagos internacionais têm nos últimos anos várias vezes reafirmado.

(*) Conferência proferida no Instituto da Defesa Nacional em 25 de Fevereiro de 1982 integrada no Curso de Defesa Nacional de 1982.

Tudo o que se faça para aumentar a produção dos bens alimentares, para garantir um seu melhor aproveitamento, para assegurar uma sua melhor distribuição de forma a eles chegarem dos locais onde são superabundantes aos outros onde, por ironia do destino, a fome é como que «o pão nosso de cada dia», tem de assumir nos dias de hoje carácter prioritário na hierarquização dos problemas enfrentados pela humanidade.

Tem de se colocar em destaque, em evidência, o homem cuja sobrevivência é necessário assegurar, empenhando coração e fazenda numa cruzada que não pode ser comprometida, nem falseada, nem limitada pela situação geográfica dos indivíduos, pelo credo religioso que professam, pela cor da pele, pelo nível de cultura, pela ideologia política que seguem ou pelo sistema social que livremente aceitam.

A persistência das condições degradantes de pobreza é um escândalo do mundo moderno conforme disse o Papa João Paulo II em 14 de Novembro de 1981 aos participantes da 21.^a Assembleia Plenária da FAO [24].

1.2 — Muitas pessoas se vêm interrogando sobre qual irá ser o futuro da humanidade.

Como parâmetro fundamental vão-se retomando as ideias de Malthus e de tantos seus antecessores e continuadores. A população crescerá a uma taxa mais elevada que a das disponibilidades alimentares e o colapso seria fatal.

Se estas previsões fossem exactas, já hoje aqui não estaríamos reunidos.

Com efeito, os seguidores da escola malthusiana já previram a extinção da humanidade por falta de alimentos para o princípio deste século e outros vão sucessivamente marcando novos prazos e outras datas mas nós ainda cá nos mantemos vivendo e, por estranho que pareça, dispondo, em termos matemáticos, de alimentos em situação excedentária.

Basta referir que só os «stocks» de cereais atingiram no fim do ano de 1981 cerca de 211 milhões de toneladas [8], o que corresponde a cerca de metade da produção mundial e seriam suficientes para satisfazer as necessidades de importação da Europa por cerca de 4 anos.

2 — EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO

2.1 — Vejamos muito resumidamente o que se passa com a população.

O aumento da população verificou-se muito lentamente nos tempos antigos.

Cita-se que no ano 7000 a. C. a população mundial não ultrapassaria aquela que no momento actual vive em Portugal, isto é, cerca de 10 milhões de pessoas. E até cerca de 1830, os aumentos foram relativamente pequenos.

Com efeito, em 9 mil anos, isto é, desde aquele ano já longínquo até ao princípio do século, a população aumentou apenas 1100 milhões o que representa, em média, um acréscimo de 100 000 pessoas por ano em relação à população mundial e de 1 % em relação ao valor de partida.

Mas, já nos 100 anos que se seguiram a 1830, a população duplicou e passou a 2 mil milhões, o que corresponde a um aumento médio anual de cerca de 10 milhões e de 1 % em relação ao valor de 1830.

Nos trinta anos seguintes, isto é, de 1930 a 1960, a população teve um aumento de 50 % e situou-se em 3 mil milhões, o que corresponde a um aumento médio anual de 33 milhões de pessoas e de 3,3 % em relação ao valor de 1930.

Em 1980, a população deverá ter atingido 4400 milhões e no dealbar do século vinte e um, se nada houver de anormal que restrinja o seu crescimento, os seres humanos neste planeta atingirão 6000 milhões ou seja, em valores globais, cerca de 6 vezes aquela que existia cem anos antes [11, 12, 16].

Os estudos recentes das Nações Unidas sobre a evolução da população mundial indicam que esta será, dentro de um século, de cerca de 11 a 15 mil milhões, mas alguns especialistas da demografia levantam dúvidas da possibilidade e até da legitimidade de, nos dias em que vivemos, se fazerem previsões nesta matéria que sejam válidas para além dos próximos 15 a 25 anos [4].

De uma forma ou de outra, parece realista e prudente considerar-se que no ano 2000 teremos de assegurar alimentos a uma população que entretanto cresceu 50 % e a três vezes a actual, daqui a cem anos.

2.2 — Fala-se muito do aumento da população mundial, atemorizam-se as pessoas com números já dificilmente mensuráveis, atira-se com o fantástico valor dos 6 mil milhões de pessoas que o mundo terá daqui a duas dezenas de anos, exactamente quando a humanidade passar de século e de milénio.

Mas o que são quatro mil milhões de pessoas?

É muita gente? Com certeza que sim.

Vamos tentar materializar esse número e para isso admitamos que nos seria possível reunir todos os seres humanos numa gigantesca concentração ocupando cada um 1 m² de terreno.

Pois se assim fosse possível fazer, mas nada nos impede de o imaginar, todos caberiam, naturalmente, em 4 mil milhões de metros quadrados e isso corresponderia apenas e só a uma superfície que nem sequer ocuparia a nossa província do Algarve [20].

Talvez este número tranquilize tantos e tantos que estão preocupados com a sobrevivência da humanidade e desmascare aqueles que apregoam desgraças e defendem leis para reduzir o crescimento da humanidade, de que alguns países já estão a sofrer duras consequências.

Pelo contrário, começa a ser preocupante para alguns o abaixamento dos índices de natalidade em todo o mundo [6].

Antes do último terço do século XIX a natalidade era de 34 por mil e passou para 29 por mil no fim desse século e actualmente situa-se em valores da ordem dos 18 por mil.

A Inglaterra atingiu em 1956, com 11,9 por mil, um dos índices mais baixos do mundo. O Japão passou de 28 para 16,8 por mil entre 1950 e 1961 [21].

Na II Conferência Europeia da População realizada em Estrasburgo em 1971, também foi chamada a atenção para o problema, considerado grave, da limitação da natalidade, em especial nos países desenvolvidos. A taxa média na Alemanha era de 1,26 filhos por matrimónio, o que veio a provocar já um decréscimo na população da ordem de 20 000 pessoas por ano [6, 7].

As situações acima referidas, têm causado profundas modificações nas estruturas das pirâmides etárias de muitos países onde se verificaram casos mais sensíveis da redução da natalidade, traduzindo uma grande dominância do sector envelhecido das populações.

Certos países nestas condições vivem hoje naturalmente preocupados porque consideram que a zona produtiva da pirâmide começa a não ser suficiente para manter, ao nível de conjunto atingido, as populações que entraram na reforma e não se encontrariam nas camadas da base as esperanças de uma sensível melhoria, a curto prazo.

Ao contrário do que alguns afirmam, não será pela redução da natalidade que se viria a resolver o problema de uma hipotética falta de alimentos nas próximas décadas.

Por um lado, há que ter presente que já nasceu a maior parte dos seres humanos que serão adultos no ano 2000. Por outro, que qualquer diminuição na taxa da natalidade que se deseja vender, impor ou aconselhar aos povos mais pobres — que os ricos nem sempre as seguirão porque já sabem as consequências que alguns estão a sofrer por medidas idênticas que tomaram —, visando equilibrar a população com as disponibilidades alimentares, provocaria não só uma modificação sensível e perigosa em termos do futuro, mas também teria um efeito mais reduzido do que o geralmente esperado nas disponibilidades alimentares porque as necessidades energéticas das crianças são muito inferiores às dos adultos.

O Dr. Klatzman, que se preocupou com estas matérias, informa que a «transição rápida de uma taxa de crescimento de, por exemplo, três para zero, transformaria completamente a pirâmide etária e as consequências desfavoráveis ainda se fariam sentir com intensidade meio século ou até mesmo um século depois» [22].

2.3 — Mas há que ter presente que o aumento da população mundial é um facto incontroverso. Negá-lo ou escondê-lo seria preguiça mental ou cobardia perante o futuro. Pode o aumento ser maior ou menor, mais ou menos rápido, mas é fatal.

O que é grave é assumir-se ou manter-se um sentimento de derrotismo perante esta realidade, como se o problema fosse apenas e só o de passarem a existir mais bocas a alimentar, olvidando que cada homem também tem dois braços para trabalhar e um cérebro — sobretudo um cérebro, para pensar e para encontrar novos caminhos, novos recursos, novos e mais alimentos, novas fontes de energia.

Como diz Arviz [2], a prosperidade económica duma sociedade só se pode manter «desde que a fracção constituída pela população activa

seja mais numerosa do que a da população não-activa», mas chama a atenção para o papel que os jovens desempenham na sociedade, enquanto constituem a «parte de vitalidade e do dinamismo económico».

Kurswets, prémio Nobel da Economia em 1971, olhando para o papel da juventude na sociedade, entende que ela é condição indispensável do crescimento económico moderno [26].

Nalguns países de baixos índices de natalidade tem-se conseguido manter a prosperidade adquirida à custa de um sensível aumento de produtividade, e o desemprego que se instalou como preocupação generalizada nos países ricos demonstra que globalmente ainda não faltam braços para trabalhar.

A existência de problemas mundiais relacionados com a alimentação, cuja gravidade e injustiça não podemos deixar de denunciar, não se resolve de braços cruzados. Antes ela deve ser entendida como poderoso e impiedoso repto que nos é lançado, a todos nós, à produção e à mobilização dos recursos, para que o aparecimento de um novo ser humano não seja entendido como uma fatalidade ou uma praga mais antes como uma bênção de Deus que ainda quer consolar os homens com a alegria que as crianças espalham no ambiente em que teremos de viver.

Como seria o mundo sem elas?

E que seria o mundo sem os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos [19].

3 — OS ALIMENTOS

3.1 — Perante uma população mundial que aumenta e uma melhoria de condições de vida que se deseja estender a regiões do Globo cada vez mais vastas, mesmo assim a produção de bens alimentares tem vindo a corresponder, em termos globais, às necessidades sentidas.

E parece-me bizantino discutir se esse aumento de alimentos se tem verificado, ou não, em progressão aritmética mas apenas e só reter, em números muito globais, que se dispõe hoje de um volume de alimentos que satisfaria ou poderia satisfazer — o que infelizmente não é a mesma coisa — as necessidades de sobrevivência da população mundial.

Isto não quer dizer que se não verifiquem oscilações, de um ano para o outro, no volume global das produções, influenciadas como são pelas condições meteorológicas e outras, que não existem áreas, mais ou

menos extensas e nalguns casos preocupantemente extensíssimas, onde a agricultura atravessa situações de estacionariedade ou de decréscimo de produção.

Mas pode dizer-se que a produção agrícola tem crescido nos últimos anos a uma taxa consoladoramente alta, se avaliada ao nível mundial mas mais evidente se forem apenas considerados os países desenvolvidos.

3.2 — É difícil fazer uma quantificação mundial deste grande grupo de produtos devido a dificuldades conhecidas, à diversidade de alimentos e à imprecisão de algumas estatísticas.

Por esses factos, apresentaremos alguns valores que nos parecem mais significativos pelo peso que se lhes reconhece na alimentação mundial.

Considerando o caso dos cereais que, geralmente, constitui um dos grupos mais importantes dos chamados alimentos básicos para a sobrevivência da humanidade, verifica-se que a produção passou de cerca de 344,625 milhões de toneladas verificadas em 1945 para 1553 milhões de toneladas 35 anos mais tarde, o que significa ter a produção triplicado neste intervalo de tempo.

No mesmo período, isto é, comparando valores de 1945 com valores de 1979, o produção de cacau duplicou, a de café aumentou 2,5 vezes, a do amendoim duplicou, a da laranja aumentou 35 vezes, a dos legumes secos aumentou quase 20 vezes, a da soja decuplicou.

Analisando o caso do trigo, o cereal por excelência dos países ricos, a produção mundial, que no princípio do século atingia 71 milhões de toneladas [3], instalou-se em 1981 na colheita «récord» de 453 milhões de toneladas [1]. A produção deste ano é de cerca de 6,5 vezes a do princípio do século.

Perante estes exemplos esquematicamente expostos e que, por isso mesmo, não pretendem esgotar o problema, parece não ser ousado admitir-se que a humanidade não caminha para o suicídio por falta de alimentos.

4 — O BINÓMIO POPULAÇÃO/ALIMENTOS

4.1 — Uma coisa é afirmar-se que os alimentos existem a nível mundial em quantidade suficiente para satisfazer as necessidades básicas dos

indivíduos, outra, que deverá constituir uma vergonha para o mundo, e tanto mais quanto mais ricos são os países, é reconhecer que a fome quantitativa e qualitativa se vem a instalar em áreas do Globo sucessivamente mais vastas e que as consequências de uma subnutrição ou de uma má nutrição afectam grandes grupos de seres humanos, de forma mais ou menos grave.

Não interessará muito quantificar em termos absolutos quantos homens não têm no dia a dia a garantia do seu sustento e isto porque estes valores dependem muito dos organismos que os divulgam e do nível de insuficiência de alimentos a partir do qual se considera uma situação de fome.

Mas não deixará de ser esclarecedor referir os valores da FAO segundo os quais só no continente africano existem, no momento actual, mais de duas dezenas e meia de países [14] com fomes generalizadas afectando 240 milhões de pessoas e, segundo a mesma fonte, mais de 400 milhões de seres humanos, isto é, aproximadamente $\frac{1}{10}$ da humanidade, vivendo nos mais diversos locais, incluindo países ricos, estão a atravessar situações de carência.

Mas estas situações são susceptíveis de alguns comentários.

Em primeiro lugar, nos últimos anos muitos países estiveram sujeitos a condições climatéricas francamente desfavoráveis à agricultura e muitas e extensas áreas sofreram efeitos de secas prolongadas que fizeram baixar drasticamente a produção agrícola. Estes problemas tiveram consequências tanto mais graves quanto os países eram mais pobres porque, por não disporem de estruturas apropriadas para o armazenamento, conservação e distribuição dos produtos, viram reduzidas ainda mais as suas já magras possibilidades alimentares e, por isso, vêm a atravessar uma situação de mingua extraordinariamente preocupante.

As «ajudas alimentares de emergência» que lhes estão a ser dadas, nem sempre conseguem o efeito programado porque muitos dos produtos alimentares não raro se deterioram nos armazéns, ou influenciam mais a população das cidades, ou encontram dificuldades no seu consumo quando não fazem parte dos hábitos alimentares normais dos povos a que se destinam. É sempre difícil, mesmo em casos de penúria, substituir a mandioca, ou o inhame, ou a banana, ou a batata doce, ou o óleo de palma, pelo trigo, pelo leite em pó, pela soja ou pelo óleo de colza refinado.

4.2 — Muitos dos países que nas últimas décadas ascenderam à independência ficaram sujeitos a profundas modificações emocionais e estruturais.

A saída de técnicos e de pessoal especializado fez baixar a produção nalguns casos de forma drástica. A ideia, ainda hoje generalizada, e nalguns casos verdadeira, de que as potências coloniais davam quase exclusiva atenção às culturas de exportação em detrimento das alimentares, fez com que os novos países quase odiassem muitas daquelas culturas apelidando-as depreciativamente de «culturas de exploração».

As suas preocupações orientaram-se então fundamentalmente para as culturas de subsistência procurando garantir prioritariamente a alimentação dos seus habitantes.

Se nalguns casos esta política teve reflexos positivos, a realidade é que estes países não conseguiram, no geral, suprir as suas necessidades nutricionais, mesmo quando anteriormente alguns eram excedentários de alimentos. Por outro lado, o decréscimo da exportação verificado nos produtos provenientes das «culturas industriais» fez baixar o poder aquisitivo no estrangeiro de produtos alimentares onde eles são, em muitos casos, excedentários.

É que o problema actual não é, como muita gente pensa e afirma, uma falta de alimentos mas principalmente um insuficiente poder de compra para os adquirir e de solidariedade internacional entre os povos para os fazer chegar onde eles fazem realmente falta.

Em inquérito mundial recentemente encomendado a uma prestigiada empresa americana conclui-se, com alguma surpresa para muitos, que cerca de 70 % da população africana ao sul do Sara, 66 % dos indianos, 42 % dos mexicanos não tinham meios para comprar no mercado os alimentos que necessitavam. E para se avaliar que esta questão corrói também os países desenvolvidos, basta dizer que em idênticas condições se encontram 15 % dos italianos e 14 % dos habitantes dos Estados Unidos da América e dos japoneses [18].

Não conseguimos valores correspondentes para o caso português mas não custa admitir que eles não deixarão de ser preocupantes.

Com um hectare de cacau ou de café, realizado com técnicas culturais extensivas muito generalizadas ainda nesses países do Terceiro Mundo, seria possível comprar no mercado internacional pelo menos 8 toneladas

de milho que, a serem produzidas localmente, exigiriam a penosa e onerosa cultura de 6 a 10 hectares de terreno de boas características.

Condenar liminarmente as culturas industriais é desejar que os países pobres cada vez sejam mais pobres e mais dependentes.

4.3 — Nalguns países do chamado mundo desenvolvido, com áreas agrícolas limitadas, colocam-se hoje problemas de opção em relação às culturas agrícolas e, naturalmente, seleccionam-se aquelas que melhor correspondem aos interesses de cada um.

Mas nos países do Terceiro Mundo a terra ainda não é um bem limitado e está muito longe de sê-lo. Com densidades demográficas que em extensas áreas se medem por um número dígito de habitantes por quilómetro quadrado e com uma pressão demográfica que lhe não é muito diferente, estes territórios têm potencialidades que, se fossem mobilizadas, muito poderiam contribuir para o seu auto-aprovisionamento em bens alimentares e, tal como tantos o fazem já, como é tipicamente o caso do Brasil, assegurar ainda uma exportação vultosa de produtos agrícolas, dispor de áreas para desenvolver culturas energéticas e, mesmo assim, ficam ainda muito longe de utilizar integralmente todas as suas potencialidades agrícolas.

Quando se pensa que no mundo intertropical somente 2 % das terras estão a ser agricultadas e mesmo que se tenha em conta o equilíbrio ecológico e as dificuldades técnicas em agricultar muitos destes terrenos, a realidade é que ainda fica uma margem muito grande desses milhões de hectares que poderiam ser postos a render em favor da comunidade, a começar pelo dos seus próprios possuidores ou utentes.

4.4 — Aos argumentos preocupantes, mas algo derrotistas, como vindo de homens sem esperança olhando uma humanidade sem futuro, têm vindo a responder os cientistas e os técnicos ao colocarem à disposição dos seus semelhantes novas possibilidades de subsistência.

A humanidade continua a crescer em ritmo que só é exagerado se não forem criadas as condições para a alimentar e as subsistências ainda não teriam faltado se não fora a ganância dos homens que continuam a discutir com os seus semelhantes o direito à alimentação e à vida.

Olhando o futuro nem sequer faltam ainda, nem se calcula que falem nos anos próximos, novas áreas que possam ser agricultadas como acima se referiu. Mas nem será necessário ir tão longe nos anos mais

próximos. Bastaria transformar uma agricultura primitiva, com sistema de pousios longos, ou pouco mais evoluída, pouco mecanizada, sem o emprego ou utilizando quantidades irrisórias de fertilizantes, ignorando ou não tirando partido das variedades com maior potencial produtivo, numa agricultura moderna, embora adaptada às condições locais, para se conseguirem, pelo menos, duplicar as produções e desta maneira não só contribuir para o aumento das disponibilidades de alimentos no mundo como também produzi-los nos locais onde eles hoje são tão necessários e exactamente aqueles que esses povos estão habituados a consumir.

4.5 — Comparando os dados estatísticos, consoladoramente se pode verificar que os aumentos da produção mundial se devem mais a um acréscimo muito sensível dos rendimentos unitários do que à entrada em cultura de novas áreas que, por isso mesmo, continuam a constituir grande reserva de sobrevivência.

Como exemplos bem elucidativos pode indicar-se que os rendimentos unitários, no período de 35 anos entre 1945 e 1979, subiram 22 % no amendoim, 52 % na soja, 58 % na batata, 67 % nos cereais, 72 % no arroz, 82 % no trigo e 133 % no milho [13].

Se estes números fossem libertados da contribuição dos países mais pobres, ainda seria mais visível o efeito da técnica que necessariamente assume aspectos mais relevantes nos países desenvolvidos.

Se analisarmos, sob outro ângulo, o muito que se pode fazer nos domínios da modernização da agricultura, fica-se impressionado pelo atraso em que este sector se encontra nos domínios da mecanização.

Com efeito, das cerca de 350 milhões de famílias ligadas à agricultura, aproximadamente 250 milhões, isto é 70 %, ainda trabalham com arado de madeira ou idêntico, 90 milhões socorrem-se apenas de tracção animal e somente 10 milhões utilizam tractores [9].

A Conferência sobre Energias Renováveis realizada em Nairobi o ano passado e organizada pela FAO revelou, um pouco sensacionalmente para grande número de pessoas, que ainda existem 80 animais de tiro para cada tractor em todo o mundo e que no ano 2000 estes animais ainda representarão 80 % da energia necessária à agricultura do Terceiro Mundo [25].

Quanto de evolução técnica e de economia de esforço aguardam grandes espaços mundiais e tantos milhões de famílias sacrificadas por um

esforço físico que transforma os homens em máquinas e os valoriza mais pela força do músculo do que pela cabeça para pensar e decidir!

4.6 — O mais racional aproveitamento da produção agrícola constitui um caminho promissor para se conseguirem melhores fontes de recursos.

O tempo e as condições não permitem explanar aqui as potencialidades que este mundo encerra, desde a valorização dos resíduos que se queimam, se deixam apodrecer nos campos ou que poluem os cursos de água, a um melhor aproveitamento dos produtos principais que em muitos casos não entram nos circuitos comerciais ou de industrialização por falta de estruturas de drenagem dos produtos ou de vias de acesso ou simplesmente de planificação nacional ou regional, até a uma incompleta valorização industrial das matérias-primas de origem agrícola.

As técnicas já conhecidas da produção de proteínas por via microbiana (a conhecida S. C. P.), pesem embora as reservas que ainda se lhe reconhecem, a produção de concentrados proteicos a partir dos sucos de folhas, o aproveitamento das algas marinhas cujas possibilidades estão calculadas como capazes de sustentar $\frac{1}{3}$ da humanidade sem afectar a sua potencialidade de regeneração, constituem outros recursos a ter em conta, numa programação à distância das disponibilidades que é possível reunir.

Mas também não podem deixar de equacionar-se toda a problemática envolvente da modificação da filosofia da produção pecuária para a qual futuramente haverá que procurar alimentos novos, entre os quais a generalização do emprego da ureia como fonte azotada, e deixar para o consumo directo da população humana a grande massa de produtos vegetais que actualmente constitui o sustento dos animais.

A simples modificação que este esquema pressupõe, sem afectar a produção animal, provocará um enorme reforço de disponibilidade de proteínas para os seres humanos, que passarão a ser fundamentalmente de origem vegetal. Os valores de proteína acumulada pelos animais em relação à proteína ingerida são muito baixos. No máximo atingem 33 % quando incluída no leite e apenas 5 % nos ruminantes produtores de carne, como foi referido pelo Dr. George Napsiotis na reunião FAO/UNEP realizada em Roma em 1977 [10].

A educação alimentar, com a melhor valorização dos recursos locais, é uma linha de trabalho e que nalguns países tem conseguido grandes

sucessos. Dentro dos domínios alimentares não podem ficar esquecidas as enormes potencialidades que representam os peixes e os animais marinhos cujas capturas podem aumentar substancialmente sem afectar os recursos básicos. Basta, para o efeito, colocar em prática tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas que permitam a pesca nas águas mais longínquas e mais profundas e se generalizem e se aperfeiçoem os processos de conservação e transformação do pescado.

Esta esperança mundial não podemos olvidá-la aqui porque, sendo o nosso país detentor de uma zona económica exclusiva proporcionalmente das maiores do mundo, ainda estamos longe de aproveitar os seus recursos, até de acordo com aquilo que os conhecimentos actuais já permitiriam.

A área do continente português atinge cerca de 8,9 milhões de hectares e a Zona Económica Exclusiva com os seus 150 milhões de hectares representa uma área de cerca de 17 vezes superior.

E o nosso país, que ao longo da sua história foi sempre um país de marinheiros, parece, nos dias de hoje, estar de costas voltadas para o mar e para os enormes recursos alimentares nele existentes.

4.7 — No que se refere à situação alimentar e ao desenvolvimento agrícola há efectivamente, como em muitas outras coisas, dois mundos, um de ricos e outro de pobres. E nem sempre entre eles têm funcionado a ajuda, o entendimento e a cooperação.

Os casos de fomes cíclicas nos países pobres como resultado das situações de insegurança política, do afluxo anormal de refugiados, do aparecimento de calamidades agrícolas, secas prolongadas ou inundações devastadoras, tentam corrigir-se com ajudas alimentares recorrendo a «stocks de emergência» mobilizados por países ou organizações internacionais mas muitas vezes eles não chegam oportunamente ou em quantidade suficiente e outras vezes encaram dificuldades de armazenamento, conservação e distribuição até às zonas mais afectadas.

Com estas ajudas se têm salvado da morte milhões de vidas, é certo, mas a sua influência nos locais para onde se dirigem é muito semelhante à da água que amortece o incêndio mas não defende o futuro.

São os países mais ricos e dispendo de grandes excedentes que mais peso têm nestas campanhas, directamente ou por intermédio de organizações internacionais a que pertencem, mas nem sempre os produtos que

são enviados são aqueles mais desejados. O que se oferece ou mobiliza é muitas vezes o que está a mais e não aquilo que, em muitos casos, mais conviria.

Sentem-se os países pobres com direito a uma ajuda internacional, não só como membro de uma mesma comunidade, mas também porque se sentem de certa maneira afectados no seu desenvolvimento pelas cotações que os países desenvolvidos estabelecem para os produtos que deles importam e pelo desfasamento, cada vez maior, entre o preço dos produtos agrícolas em geral e em especial os do Terceiro Mundo e os produtos industrializados que este adquire nos países mais desenvolvidos.

Como bem referia o Director-Geral da FAO, Dr. Saouma, na alocução que fez no Conselho da FAO em 1981: «Quando as importações de petróleo e artigos manufacturados custam cada vez mais caro, os preços de exportação dos produtos primários não os acompanham. Segundo o GATT, se o défice da balança de pagamentos dos países em desenvolvimento se agrava, é principalmente por causa das importações de artigos do Norte. A longo prazo os números são ainda mais chocantes. Uma tonelada de chá não permite comprar mais que 8 toneladas de adubos importados, contra 17 toneladas há 10 anos. Para importar uma tonelada de aço era suficiente, há anos, exportar uma tonelada de bananas e hoje são necessárias mais do que duas toneladas. O preço real da juta, por sua vez, baixou 50% em 10 anos». [27].

É certo que o preço dos produtos agrícolas não tem acompanhado os provenientes da indústria mas são influenciados por preços de bens e utensílios que utilizam, como é o caso típico dos adubos e das máquinas cujos custos têm subido no mercado internacional. Menos o são pelos aumentos nos consumos directos de energia derivada do petróleo já que a agricultura em conjunto não utiliza mais do que 6 a 10 % do consumo deste tipo de energia ao nível mundial. Nalguns casos este encargo é mesmo irrisório, como sucede em muitos países do Terceiro Mundo, onde a agricultura tem no esforço humano e na tracção animal as principais fontes de energia [28].

Em todo o caso, o raciocínio não pode conduzir-nos a considerar que tem havido uma constância de preços para os produtos agrícolas. Com efeito, segundo as estatísticas da FAO [13], tomando por base os valores médios de 1969/1971 iguais a 100, a relação entre os produtos agrícolas

importados, nem todos necessariamente alimentares e o respectivo valor, atingiu em 1980 o índice de 301, ou seja, o preço unitário triplicou.

Daf as dificuldades que alguns países, grandes importadores de produtos agrícolas, estão sentindo porquanto ainda que mantenham os mesmos quantitativos de importação, e as situações anormais dos países mais pobres têm-lhes provocado um aumento desses quantitativos, terão de os adquirir a um preço triplo do de há 10 anos.

5 — *PERSPECTIVAS FUTURAS*

Falar-se nos dias de hoje de falta de alimento em vastas regiões do Globo é uma realidade gritante. Generalizar essa situação à população mundial é tomar a nuvem por Juno, o todo pela parte.

Com efeito, o que existe é uma desigual distribuição dos alimentos cuja correcção se consegue com a vontade decidida dos povos.

É por isso que o problema alimentar mundial não é hoje só um problema técnico mas também um problema político.

Porque os homens e as nações em que se associam perderam a responsabilidade cívica de se ajudarem mutuamente, nasceram as organizações internacionais apropriadas que reunindo a contribuição de todos, dada na medida da possibilidade ou da generalidade de cada um, tem vindo a exercer uma acção mais eficaz e às vezes mais rápida.

Mas o interesse e a vaidade vão minando, a pouco e pouco mas significativamente, a consciência dos povos tendo-se minimizado o objectivo em função de contrapartidas, cada vez mais se perde a aplicação às nações da recomendação de Jesus Cristo no Sermão da Montanha de que não saiba a tua mão esquerda aquilo que dás com a direita.

A persistência das condições de dependência crónica é indesejável para o progresso dos países em desenvolvimento. Se, como disse o Papa João Paulo II [24] as nações ricas não podem declinar a responsabilidade no desenvolvimento dos países mais pobres, a sua ajuda há-de orientar-se em esquemas de promoção e o primado para o desenvolvimento agrícola com o objectivo de fazer caminhar esses países para uma auto-suficiência alimentar.

São impressionantes nos países mais pobres as participações dos rendimentos das pessoas na compra de bens alimentares. Segundo os dados de Cramer [9] em 1960 enquanto os norte-americanos gastavam 23%, os

italianos despendiam 46 %, os russos 50%, os japoneses 51 %, os nigerianos 71 % e daí a necessidade do estabelecimento de novos equilíbrios que passam pelo desenvolvimento de vastas áreas mundiais.

Para se procurarem favores políticos, económicos, ideológicos ou outros, cada vez mais os países utilizam sistemas de negociação bilateral, fazendo sentir o peso da sua influência nas decisões daqueles que necessitam do essencial, comprando a liberdade por pratos de lentilhas, impondo as regras dos blocos e das áreas de influência.

Por muito que se afirme, não tem sido tão fácil como as intenções afirmam, o fosso que separa os países ricos dos países pobres e tantas vezes os primeiros acentuam estas diferenças para transformar os pobres em grandes ou pequenas impotências.

Na maior parte dos casos, os povos ricos sensibilizam-se muito com as «ajudas de emergência» quando elas são feitas à custa dos seus excedentes. Apesar do grande esforço já realizado e dos resultados conseguidos, não são tão evidentes como se desejaria as acções de promoção e de desenvolvimento que levariam a uma aproximação dos povos não por um nivelamento em termos de vasos comunicantes, mas pela elevação dos mais pobres sem que os outros deixassem de ser ricos.

6 — OS ALIMENTOS E AS TENSÕES MUNDIAIS

6.1 — No conjunto dos alimentos, os cereais e algumas oleaginosas ocupam lugares de primordial importância e, por isso mesmo, podem constituir motivos de pressões económicas e políticas quando algum país ou bloco os possui disponíveis em grandes quantidades e outros deles são fortemente carenciados.

Como regra geral, a cultura cerealífera vem a ser repelida como por uma invisível força centrífuga à medida que a densidade demográfica aumenta. Os cereais são as culturas dos grandes espaços por necessitarem de utilizar técnicas culturais em que entra a intensa mecanização para resultarem competitivos. Junto dos aglomerados populacionais desenvolve-se, em seu lugar, a cultura de primores, a horticultura intensiva, a fruticultura e até sistemas de exploração da terra que estão relacionados com o equilíbrio da paisagem e condições sanitárias da população.

Em tempos passados a Europa e a Ásia do Norte tinham uma intensa posição frumentária que sucessivamente foram perdendo pelo desenvolvimento de novas áreas trigueiras e de milho nas terras novas dos novos continentes.

Para nos referirmos apenas a valores recentes, em 1945 a produção mundial de cereais situava-se em 446,6 milhões de toneladas cabendo à Europa cerca de 70 milhões de toneladas. Em 1979 a produção passou para $1,55 \times 10^9$ toneladas, enquanto a Europa contribuiu apenas com $1,64 \times 10^8$. Em 1945, a posição europeia, excluída a União Soviética, representava aproximadamente 16 % do total. Vinte e cinco anos depois este valor nem sequer chegou a 10 %. A dependência da Europa em relação aos cereais é importantíssima. Em 1945 a Europa Ocidental importou 10 % do que consumiu e em 1980 esse valor ultrapassou os 25 %.

O aprovisionamento, em caso de dificuldades de circulação de mercadorias, pode constituir um sério problema em termos de sobrevivência da população.

Em 1934/38 a União Soviética exportava cerca de 600 mil toneladas de trigo e em 1980 importou 31 milhões de toneladas de cereais dos quais mais de 17 milhões são de trigo [15].

6.2 — Em posição oposta se encontram outros países como o Canadá, Estados Unidos, Austrália e Argentina que são não só grandes produtores e auto-abastecidos mas detêm, em conjunto, cerca de 30 % da exportação mundial de cereais com a agravante de que a restante se encontra sensivelmente pulverizada. Fácil será concluir da influência que estes países podem exercer, não só no aprovisionamento mundial mas também, em certa medida, na política dos preços e no estabelecimento de linhas de aprovisionamento de cereais.

6.3 — A Europa é fortemente dependente do exterior no que se refere aos concentrados proteicos para a produção pecuária. As suas importações de farinhas de peixe e de bagaços de oleaginosas são consideráveis e o volume de soja importado, de que se extrai gordura como subproduto, tem vindo a crescer em termos preocupantes. Com efeito, em 1945 a importação europeia de soja situava-se em 3 mil toneladas. Em 1980 este valor transformou-se no vultoso quantitativo de 17 milhões de toneladas,

isto é, a importação europeia de soja aumentou cerca de 5 mil vezes em 35 anos. Mas, por outro lado, os excedentes europeus de lacticínios são um quebra-cabeças para a sua drenagem.

Sucede, porém, que os Estados Unidos dominam o mercado da soja. Em 1945 das 18 600 toneladas de soja exportada, 17 mil eram provenientes daquele país e em 1980 os norte-americanos exportaram 21 786 milhões de toneladas do total de 26 879 milhões exportadas.

O aparecimento do novo núcleo de produção de soja no Brasil é uma poderosa esperança de equilíbrio. Com poucos anos de execução, o plano de desenvolvimento da soja no país-irmão, permitiu já o abastecimento interno e garantiu, em 1980 uma exportação de 460 mil toneladas.

Por isso a Eupora se procura defender desta situação fazendo desenvolver esquemas de fomento de fontes alternativas de cariz proteico entre as quais a cultura do tremoço tem vindo a ocupar projectos de investigação e desenvolvimento convenientemente dotados de meios humanos e materiais.

6.4 — O nosso país encontra-se particularmente bem situado em potencialidades deste tipo dadas as condições favoráveis que possui para esta cultura e o material genético que nele tem sido identificado.

Apesar disso, também só há poucos anos se começaram a desenvolver esquemas neste campo e, no momento actual, continuamos a importar quantidades enormes de soja que, adicionadas ao milho, sorgo e outros produtos idênticos destinados ao fabrico de alimentos compostos para uma «pecuária de biberão», constituem uma das sangrias mais caudalosas nas nossas parcas disponibilidades de divisas.

6.5 — Perante problemas de dependência, de vulnerabilidade deste tipo, vêm os diferentes países promovendo programas de produção de alimentos e de outras matérias-primas de origem agrícola no sentido de caminharem, na medida do possível, para um auto-aprovisionamento mas garantindo, também, as exportações necessárias para a obtenção de divisas, como é recomendado na Resolução n.º 35/56 de 1980 das Nações Unidas e integrada na Estratégia de Desenvolvimento Internacional para o Terceiro Decénio [17].

Aí se proclama, e a FAO como organismo especializado das Nações Unidas disso se tem feito eco, que se dê um grande desenvolvimento ao sector agrícola, em especial nos países economicamente mais atrasados.

Hoje uma ideia de força é o auto-abastecimento, a qualquer preço, em oposição à política posta em prática ainda em anos não muito distantes, de que não se deveria produzir o que era possível obter mais barato no estrangeiro.

6.6 — Infelizmente, porém, muitos países pobres, que com pouco esforço e grande apoio aos agricultores poderiam aumentar a curto prazo e de forma muito significativa o seu produto interno bruto, desejam competir no domínio industrial, sector a que dão preferência e nele muitas vezes consomem as possibilidades e as ilusões.

Outros, igualmente pobres, preferem continuar a ser pobres e dão preferência às «ajudas de emergência» em vez de criarem as estruturas produtivas, clamam que os povos ricos os ajudam pouco, mas caminham menos no seu auto-abastecimento e para a sua independência económica.

Não admira, pois, que uns entendam que as ajudas, legítimas e efectivas, têm de ser acompanhadas de acções não passíveis dos utentes perante a fome ou o subdesenvolvimento. Outros clamam aos quatro ventos que o seu direito à vida lhes dá também o direito de receber por esmola o que poderiam conseguir pelo trabalho.

A Senhora Indira Gandhi no discurso McDougall proferido em Roma no passado mês de Novembro [23] afirmou que com o dinheiro que custa «um novo míssil intercontinental poderiam plantar-se 200 milhões de árvores, irrigar um milhão de hectares, alimentar 50 milhões de crianças subnutridas, comprar um milhão de toneladas de fertilizantes, construir um milhão de pequenas unidades de biogás, 65 mil postos sanitários ou 300 mil escolas primárias».

Sem pretender meter foice em seara alheia nem discutir se as armas se fabricam para fazer a guerra ou defender a paz, não posso deixar de pensar o que se passa também nesse grande país e se haverá alguém de coração limpo que seja capaz de atirar uma primeira pedra ou se as ideias pacifistas serão sempre anseios de paz.

6.7 — As diferenças sociais sempre foram causa de tensões e as desigualdades de condições geram ódios e invejas já em si perigosas quanto mais se manipuladas e exploradas num sentido ou noutro.

Nas Conferências da FAO, na reunião de Cancun, para me referir às mais recentes, os povos mais ricos colocaram-se lado a lado com os países pobres para o estabelecimento de esquemas de entreaajuda. Mas nem

sempre se passa rapidamente das intenções ao apoio e cooperação concludentes. Perante necessidades que se avolumam, os países pobres que detêm ou julgam deter alguns trunfos nestes jogos da alta ou baixa política por detentores de matérias-primas essenciais, por possuidores de produtos estratégicos, por se situarem em zonas do Globo de importância vital para o equilíbrio dos blocos, começam a querer fazer ouvir ainda mais a sua voz.

E é assim que na União Indiana e sob sua proposta, se programou para este ano uma reunião dos países pobres visando estudarem uma estratégia e formarem uma frente comum contra os países ricos e encontrarem «uma maneira digna de estar no mundo». Essa reunião, realizada no passado dia 21, reuniu 44 países em desenvolvimento e curiosamente chamaram-lhe alguns comentadores o «diálogo Sul-Sul» porque traduziu de alguma forma uma nova filosofia de desenvolvimento que envolve cooperação e ajuda entre povos de níveis económicos semelhantes em vez do já conhecido diálogo entre países desenvolvidos e países do chamado Terceiro Mundo.

Praza a Deus que por cegueira, por egoísmo ou comodismo de alguns, se não venha a estabelecer no mundo mais um conflito de blocos e que desta reunião saia um desejo concretizável de paz e progresso para todos.

Embora com alguns anos já ditas, mas nem sempre pensadas as palavras da *Populorum Progresso* «o desenvolvimento é o novo nome da Paz» deveriam ser meditadas por alguns que poderiam reforçar a sua solidariedade e sobretudo dar-lhe um sinal mais humano, substituindo a ajuda prontual pela promoção, colocando em prática o velho adágio oriental de que se deres um peixe matas a fome num dia mas se ensinares a pescar resolverás o problema para toda a vida.

J. E. Mendes Ferrão

Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia
e Presidente da Comissão Nacional da FAO

BIBLIOGRAFIA REFERIDA NO TEXTO

- [1] Anónimo — *Produção mundial de trigo*. Vida Rural, n.º 128, Fevereiro de 1982.
- [2] Arvis, G. — *Le Figaro Magazine*. Paris II, 17-6-78.
- [3] Barros, H. de — *O problema do trigo*. Bib. Cosmos, Lisboa, 1941.
- [4] Campbell, K. O. — *Can we feed the world? An optimistic note*. In: Dams, T. (Ed.). Food and Population. Priorities in Decision Making. Hants, 1978.
- [5] Chantel, B. et. al. — *La fécondité à l'est et l'ouest de l'Europe*. «Population» 7/10:855-883, 1975.
- [6] Chanu, P. — *L'histoire à la prospective*. Paris, 1975.
- [7] Chanu, P. — *La peste blanche*. Paris, 1976.
- [8] Comissão Económica para a Europa — *Revue de la situation agricole en Europe à la fin de 1980. Vol 1, Etude d'Ensemble céréales, bétail sur pied e viand*. «Rev. Ann. March. Agric.» n.º 23, O.N.U., New York, 1981.
- [9] Cramer, H. H. — *Defensa vegetal y cosecha mundial*. Lever Kusen, 1967.
- [10] FAO/UNEP — *Residue utilization management of agricultural and agro-industrial wastes*. Roma, 1977.
- [11] FAO — *Man and hunger* Roma, 1961.
- [12] FAO — *Third world for survey*. Roma, 1963.
- [13] FAO — *Estatísticas da produção e do comércio*. Roma, 1944-1980.
- [14] FAO — *Le Directeur Général de la FAO recommande des mesures de précaution pour renforcer la sécurité alimentaire mondiale*. Press. FAO n.º 81/25. Abril, 1981.
- [15] FAO — *Perspectives de l'alimentation*. Roma, 11/12, 1981.
- [16] FAO — *Agricultura: Horizonte 2000*. Roma, 1981.
- [17] FAO — *Objectifs à moyen terme*, 21.ª Conf. Plen. FAO. Roma, Novembro, 1981.
- [18] FAO — *World food problems: the main issues*. Roma, 1981.
- [19] Ferrão, J. E. M. — *Intervenção do Presidente da Comissão Nacional da FAO na sessão de abertura das Jornadas de Informação Agrária em Évora (17 de Fevereiro de 1981)*. Ex. Ciclost. p. 10. Lisboa, 1981.

- [20] Ferrão J. E. M. — *Subprodutos e resíduos na produção agrícola. Uma abordagem ao seu aproveitamento*. Lisboa, 1982.
- [21] Ferrer, M. — *El proceso de superpoblación urbana*. Madrid, 1972.
- [22] Klatzaman, J. — *The prospects of the food situation in the world: from the pessimistic stand point*. In: Dams T. (Ed.) *Food and population. Priorities in Decision Making*. Hants, 1978.
- [23] Gandhi, I. — *Twelfth McDougall Memorial Lecture*. 21.ª Conf. Plen. da FAO, Roma, 1981.
- [24] João Paulo II — *Alocução aos participantes na 21.ª Conf. Plen. da FAO*. Roma 1981.
- [25] Lemarchand, J. L. — *Quarenta milhões de burros trabalham para nós*. Jornal «Portugal Hoje». Lisboa, 19-8-81.
- [26] San uninet, J. J. — *A ideia neo-malthusianista*. Docas. 7 (9): 2-6, 1980.
- [27] Saouma, E. — *Alocução do Director-Geral da FAO ao Conselho da FAO*. Julho, Roma, 1981.
- [28] Severnev, M. M. e Psyganov, F. P. — *Examen des processus technologiques existants de mécanisation des travaux de culture du sol propes à réduire la consommation d'énergie*. Com. Econ. Europa, ONU, New York, 1981.